



COPRECIS
CONGRESSO NACIONAL DE
PRÁTICAS EDUCATIVAS

O ESPAÇO (R)URBANO NA ESCOLA: DESAFIOS E PROPOSTAS PARA UMA OUTRA POSSIBILIDADE EDUCATIVA.

Jadson Pereira vieira.

Universidade Federal da Paraíba, E-mail: jadsonpv@gmail.com.

RESUMO.

A proposta do presente artigo é problematizar as questões que envolvem os “Saberes Tradicionais do Campo” dentro do contexto escolar. Sobretudo quando se analisa o cotidiano de instituições públicas de ensino localizadas nos “perímetros urbanos” de pequenos municípios do interior da Paraíba, onde as experiências de vida e as relações entre o espaço rural e da cidade são interligadas de maneira latente. Propomos analisar a experiência e o cotidiano vivenciados na Escola Municipal de Ensino Fundamental Irmão Damião, localizada em Lagoa Seca-PB, no ano letivo 2016. Neste ambiente, em que cotidianamente são notabilizadas confluências entre tais espaços. Sabemos que as fronteiras físicas entre as comunidades rurais e a cidades do interior são muito tênues e neste sentido, as experiências trazidas pelos estudantes, que em grande parte provem da zona rural, são bastante visíveis. Tal aspecto, faz com que um trabalho na perspectiva da “Educação do campo”, como bem expressa Silva (2009), possa ser estabelecido em instituições que não se localizam obrigatoriamente no espaço rural, a exemplo da referida escola. Para este trabalho nos inspiramos também nos ensinamentos de Freire (1987), quando traz uma teoria da aprendizagem sustentada nas relações dialógicas do cotidiano humano e nos pensamento de Gohn (2010) com sua contribuição com a análise da educação “não-formal”. Para nós, a experiência vivida na nossa escola pode ser partilhada como relato de experiência, contribuído para a construção de nossas práticas e novas ações em educação.

Palavras-chave: escola, saberes tradicionais do campo e relato de experiência.

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



INTRODUÇÃO.

Acreditamos que instrumentos pedagógicos que venham para democratizar as formalidades impostas pelo currículo, são meios para tornar a escola mais atrativa a realidade social do educando. Neste sentido, nosso trabalho na coordenação pedagógica da Escola Municipal de Ensino Fundamental Irmão Damião (Lagoa Seca- PB), durante o ano letivo de 2016, foi balizado por uma constante necessidade de percepção do universo cultural da clientela estudantil atendida. Sabendo disto, buscamos mapear a origem do corpo discente da escola, constatando que: Em um universo de 760 alunos matriculados, aproximadamente 500 proviam da Zona Rural do município. A escola contava com um corpo de professores de 40 profissionais se dividindo para cobrir 23 turmas de 6º a 9º ano do Ensino Fundamental.

Para aproximar as relações pedagógicas com os saberes que eram trazidos por nossos educandos, com suas realidades e vivências familiares, começamos a pensar o desafio de inserir aspectos ligados aos Saberes Tradicionais do Campo, como elemento de interlocução na escola. Como boa parte deles residem na zona rural e tantos outros nos relataram ter familiares residentes nos sítios e chácaras da região percebemos que no ambiente escolar, relações pedagógicas construídas de maneira dialógica poderiam se aproximar de maneira a visibilizar e exaltar formação cidadã segundo os preceitos da Educação do Campo.

A escola pública brasileira tem passado por mudanças significativas nas últimas décadas, com ampliação do número de estudantes e gradual redução dos índices de evasão e repetência, o que contribui para que mais tempo na escola se traduza em conclusão de mais anos escolares. Estes resultados, observados especialmente no ensino fundamental, são efeito de um conjunto variado de ações derivadas de políticas voltadas ao acesso a escolarização (ESTEBAN, 2012, p.575)

Uma proposta metodológica que atenda aos interesses da Educação do Campo, a nosso ver, não necessariamente depende que a Escola (prédio) esteja edificada no meio rural. É para nós um desafio, ver que em diversos ambientes, os preceitos e principalmente o campo epistêmico deste pensamento educacional pode ser utilizado pelos educadores na busca por uma maior interação das suas relações entre os indivíduos, possibilitando o debate sobre aqueles que muitas vezes são esquecidos na sociedade.

Pensar a escola como ambiente de vivências entre vários grupos culturais que apresentam entre si com subjetividades e interesses



diversos é base para a compreensão de uma educação mais democrática que atenda ao público juvenil atual. Sabendo disto e concordando com Silva (2009) quando trata a educação do campo dentro de uma amplitude de possibilidades, vemos que.

O termo educação do campo que estamos tratando neste texto é tem sentido amplo e complexo, portanto, não deve ser entendido apenas como sinônimo de ensino. {...} Educação do Campo é toda ação educativa desenvolvida entre povos do campo, “incorporando os povos da floresta, da pecuária, das minas, da agricultura, os pesqueiros, caiçaras, ribeirinhos e extrativistas”. Fundamenta-se nas práticas sociais constituídas nessas populações: seus conhecimentos, habilidades, sentimentos, valores, modos de ser e de produzir, de se relacionar com a terra e formas de compartilhar a vida. (Silva, 2009, p 74)

Diante da dicotomia que se apresenta o mundo contemporâneo, onde temos uma Escola que abarca cada vez mais educandos, mas, que muitas vezes não se encontra preparada para dificuldades trazidas por esta educação de massa, é que buscamos em nossas estratégias metodológicas sustentar-se em uma visão humanizada de ensino, que a Educação do Campo dá. Assim, com a experiência da Educação do Campo, trabalhada através dos saberes tradicionais do campo, criamos meios de consolidar o nosso espaço escolar de maneira mais democrática e atrativa.

Dialogamos com os pensamentos de Rêgo (2010), para percebemos a grade curricular como um universo que se permite a novas interpretações das relações intra e extraescolares. Propomos ações a serem desenvolvidas pelo corpo docente e pela gestão escolar, (supervisão, orientação e direção), fazendo com que estes entendam-se sobre a importância social de vivências humanizadas no espaço escolar no que se refere a reparação histórica relacionada a Educação do Campo. Neste sentido, estivemos abertos para estes novos conhecimentos, que muito ajudaram na consolidação das práticas de diversidade o ambiente escolar.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO DO CAMPO.

Quando se fala em Educação do Campo no Brasil percebemos que nela encontram-se latentes as “questão das terras”, uma vez que, historicamente, estas, foram atribuídas as elites dirigentes do Estado, que, com o domínio sobre as melhores e mais férteis regiões cultiváveis do nosso país consolidaram uma dominação extremamente excludente com as classes menos favorecidas.

A educação do campo apesar de algumas vezes ser pouco utilizada ainda se torna latente, quando se revelam os sentidos das exclusões sociais de muitos filhos de agricultores(as), que



corriqueiramente são expostos a marginalização no âmbito rural. Pois nela eles encontram uma representatividade e um espaço para valorização de suas identidades.

Partindo deste pressuposto e identificável que a exclusão das massas pobres camponesas começa a ser notabilizada em nossa História, quando no período escravocrata os camponeses e sobretudo as populações negras escravizadas foram fadados a expulsão do direito, sem ter possibilidade ou mesmo perspectiva de um local plantio de subsistência. A partir da “Lei de Terras” de 1850, que estas desigualdades torna-se “feridas expostas” no Império do Brasil.

O espaço agrário paraibano desde o início da colonização portuguesa tem-se constituído em um espaço de exploração. As articulações entre as variáveis econômicas, sociais, políticas e culturais tecem um ambiente de vida gravoso à sobrevivência da classe trabalhadora. A sua estruturação e a sua organização subordinadas inicialmente aos interesses do capital mercantil metropolitano e mais recentemente, aos ditames de valorização do capital industrial e financeiro, não têm como finalidade o atendimento das necessidades básicas da maioria da população. (MOREIRA, 1996, p.19)

Com a República, ao contrário do que seria idealizado pelos princípios revolucionários franceses (Igualdade, Liberdade e Fraternidade), as terras brasileiras continuaram pertencentes a grupos minoritários hegemônicos. Estes, consolidaram ainda mais as desigualdades de acesso à terra e passam ao longo das décadas potencializado a existência do latifúndio.

Com o golpe de 1964, dado pelas forças militares brasileiras e apoiado por setores de direita da sociedade civil. O problema de terras no Brasil, que já era intenso, passa a ganhar novos patamares repressivos. As Ligas Camponesas¹ caem na ilegalidade, lideranças tais como Elizabeth Teixeira², Chico Mendes³ e Margarida Maria Alves⁴ passam a surgir e são duramente perseguidas pelo Regime de Exceção. Neste contexto, seria impensado uma postura governamental que abrisse a porta para a população uma visão filosófica de educação do Campo, segundo os preceitos libertários.

As escolas de modo geral, mais sobretudo aquelas do campo absorveram as desigualdades sociais do ambiente em que estão inseridas. Em sua fundação surgem apenas como um aparato de reparo aos interesses econômicos dos grupos mais ricos e portanto não

¹ **Ligas Camponesas** foram organizações de camponeses formadas por movimentos em prol da reforma agrária e da melhoria das condições de vida no campo no Brasil. Tiveram seu desenvolvimento acentuado durante a década de 1950.

² Líder das ligas Camponesas na Paraíba e esposa de João Pedro Teixeira.

³ Seringueiro e líder comunitário morto por grileiros de terras

⁴ Sindicalista Paraibana morta em 1983 por usineiros.



eram de interesse destes que estas ganhassem nome e qualidade. Na verdade em muitos aspectos elas surgem apenas para criar mão de obra a ser explorada.

A educação rural no Brasil, por motivos socioculturais, sempre foi relegada a planos inferiores e teve por retaguarda ideológica o elitismo acentuado do processo educacional aqui instalado pelos jesuítas e a interpretação político-ideológica da oligarquia agrária, conhecida popularmente na expressão: “gente da roça não carece de estudos. Isso é coisa de gente da cidade. (ANTONIO, 207, p.179)

No que se refere a realidade de exclusão, é importante lembrar que muito do discurso em torno da escola que atende o camponês é o da “má qualidade” e da pouca “competitividade”. Estereótipos que são verbalizados sem tomar para se uma análise mais profunda do que é este lugar. A Escola do Campo, ou seja, aquela voltada para os saberes e conhecimentos historicamente estabelecidos pelas comunidades tradicionais camponesas e criada a partir dos conhecimentos prévios dos educandos e família sobre o assunto, é na verdade um ambiente riquíssimo de aprendizagem e de valorização do local onde os agentes envolvidos estão inseridos. Como diria Freire (1987), ela é uma escola que se funda na colaboração entre os agentes históricos participantes. *A colaboração, como característica da ação dialógica, que não pode dar-se a mão entre sujeitos, ainda que tenham níveis distintos de função, portanto, de responsabilidade, somente pode realizar-se na comunicação (FREIRE, 1987, p. 70)*

A Educação do Campo, como prática educacional vai quebrar outros preconceitos que foram estabelecidos, tais como os que afirmam que a escola urbana é melhor que a rural, que o camponês é menos capacitado que o cidadão urbano e que só existe realmente o progresso no espaço urbano.

A visão urbana Centrica, na qual o campo é encarado como lugar de atraso, meio secundário e provisório, vem direcionando as políticas públicas de educação do Estado brasileiro. Pensadas para suprir as demandas das cidades e das classes dominantes, geralmente instaladas nas áreas urbanas, essas políticas têm se baseado em conceitos pedagógicos que colocam a educação do campo prioritariamente a serviço do desenvolvimento urbano-industrial. (CARVALHO, 200, p.13)

Nossa proposta foi criar na Escola Irmão Damião uma cultura de valorização dos saberes locais e das práticas da Educação do Campo, para que nossa escola atendesse aos anseios de uma formação cidadã mais próxima da realidade de origem de nossos alunos (sítios e comunidades rurais de Lagoa Seca -PB). Este



município com uma população de 27 396 habitantes, com uma parcela predominantemente rural e com um potencial agrícola significativo. Pois segundo senso do IBGE de 2010, ele possuía área territorial 107,603 km² e Índice de Desenvolvimento Humano Municipal - 0,627. Foi historicamente um local de cultivo agrícola e por tanto um ambiente em que muitos jovens foram criados e educados em escola públicas municipais a exemplo da Escola Irmão Damião.

UMA EXPERIÊNCIA: A ESCOLA MUNICIPAL IRMÃO DAMIÃO.

Sabendo das características do município de lagoa Seca, começamos a construção de uma identidade coletiva nos educandos que valorizasse suas origens, sejam elas camponesa ou urbana (muitos moram em comunidades pobres na periferia da Zona Urbana). Tal processo, foi importante para a consolidação dos saberes e valores da localidade onde vivem, neste sentido, o papel de nossa escola na consolidação indenitária destes jovens se constitui como muito importante contribuindo em grande parte para a formação dos futuros cidadãos.

Partimos de uma compreensão do que seria identidade e seus desdobramentos na formação subjetiva dos sujeitos, para podermos traçar o que pensamos de nossos atuais desafios sobre a educação. Concordando com Hall (2006), ao afirmar que os sujeitos são construídos por identificações moveis que se articulam nos vários momentos da vida, visão esta contraria a uma construção subjetiva solida e monolítica, é que buscamos em nossos educandos uma compreensão de que suas subjetividades estão em formação e que a escola tem papel muito preponderante na consolidação destes diálogos.

A questão da identidade está sendo extremamente discutida pela teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades que portanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como ser unificado. Assim, a chamada crise da identidade é vista como parte de um processo mais amplo de mudanças, que está deslocando as estruturas e os processos centrais das sociedades modernas e abalando aos quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2006, p.7)

A crise dos sujeitos que agride a sociedade atual não é distinta do contexto escolar, se o homem dito cartesiano moderno não se sustenta mais nas esferas de compreensão do social, não seria a escola um espaço equidistante a esta realidade. Cabe-nos lançar olhares a esta nova realidade e promover uma escola que atenda a e estas descontrações dos sujeitos

Os processos de estudo das relações escolares
perpassam a construção das representações sociais



existentes no meio juvenil, e, com estes em mãos se estabelecem as ligações entre a observação didática destas identidades e os processos de construção do conhecimento. Daí, pensamos que ao observarmos a cultura, vivência e saberes dos educandos estamos buscando uma escola mais humanizada.

Tomamos o percurso de alguns diretrizes para que a Escola Irmão Damião seguisse determinações que atendessem aos anseios da sociedade civil e as leis/diretrizes da Educação do Campo. Assim, resolvemos sugerir para sua comunidade escolar (pais, professores, técnicos e alunos), uma proposta que envolva os novos discursões trazidas pela referida temática.

Pensarmos que em consonância ao que dispõe o Decreto Nº 7.352, De 4 de Novembro De 2010, que Dispõe sobre a política de Educação do Campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA. E, com as diretrizes para a educação do campo, instituídas pela Resolução CNE/CEB 1, de 3 de abril de 2002. Buscamos apontar para o ano letivo os conhecimentos desta área para nossas ações didático/pedagógica.

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país. (RESOLUÇÃO CNE/CEB,2002).

A nossa escola deveria está ancorada nas novas determinações do Plano Nacional de Educação PNE/2014 e pelos apontamentos do Plano Municipal de Educação PME /2015 que apontam direcionamentos para a Educação do Campo.

Sustentados nas determinações e construímos um plano de ações para ser trabalhado durante o ano letivo de 2016. Contamos com o apoio da Secretaria Municipal de Educação, ouvimos os anseios da comunidade escolar em reuniões com os docentes e pais de alunos, para assim, começarmos a planejar os apontamos para a nossa comunidade escolar.

Metodologicamente, as ações que envolvessem o trabalho com Educação do Campo foram pensadas pela equipe pedagogia para que a aspectos do cotidiano dos estudantes fossem visibilizados, sejam as histórias e a sabedoria dos seus avós, o conhecimento que eles trazem sobre a natureza que os rodeia e os riscos que correm pela não preservação dela. As tradições e os saberes das culturas negra e indígena que ainda perpassam no dia a dia deles.



Dividimos estes temas entre os quatros bimestres que compõem o ano letivo. Na nossa visão seriam trabalhadas de forma transversal as temáticas apresentadas de modo a que durante os 200 dias letivos do ano algum conteúdo estivesse sendo pensado ou problematizado de modo a visibilizar os saberes do campo.

Apesar das fortes dificuldades encontradas, como falta de estrutura escolar para elaboração de aulas de campo, espaço físico inadequado para comportar palestras e experiências, dificuldades nas problematizações dos conteúdos, por não existira uma formação continuada com os professores. Vimos que mesmo assim, os temas da realidade rural do pequeno município poderiam ser trabalhados.

Nos encontros departamentais realizados com os professores, buscamos levá-los a ler e problematizar textos que tratavam da realidade e das experiências com a Educação do Campo. Foi após este preparo que surgiu a partir da demanda do corpo docente que nos apontaram três temas que seriam viáveis para execução.

“Memórias e Saberes Tradicionais do Campo”, para trazer ao espaço escolar o conhecimento dos avós e das pessoas mais idosas da comunidade. Foi proposto que o Conto Colcha de Retalhos, de autoria Conceil Corrêa da Silva e Nye Ribeiro Silva fosse trabalhado como leitura base para o primeiro bimestre, e que nas aulas de Arte fossem elaborados Baús com caixas de papelão. Estes dois elementos serviram para que as memórias dos mais velhos fossem pensadas como elemento de saber para as novas gerações, refletindo como estas são sempre presentes no dia a dia dos homens e mulheres do campo.

As lembranças são organizadas de duas maneiras, em torno de uma pessoa ou no âmbito de uma coletividade, grande ou pequena. Uma vincula-se à vida pessoal e interior, a outra ao mundo social e exterior. Os indivíduos estão relacionados com ambas, contribuindo para a formação das duas, enfim participariam dos dois tipos de memórias, a individual e a Coletiva. (HARRES, 2004, p.146).

“Saberes do Campo e Meio Ambiente” foi o tema do segundo bimestre. A partir da canção Xote ecológico, de Luiz Gonzaga, os estudantes trabalharam como texto base para tecerem confecções com os conhecimentos trazidos de suas famílias, tais como as curas por ervas medicinais, a maneira de tratar a água e o lixo, os problemas enfrentado com o uso dos agrotóxicos e tantos outros temas que iam surgindo.

Nos dois últimos bimestres, a temática negra foi trabalhada. Com o projeto “Quizomba Festa de Raças - Brasil e África”. A escola se voltou



para as temáticas relacionadas as diversidades étnicas. Assim, durante este período questões relacionadas a temática foram trazidas para roda de debate.

Conseguimos mobilizar a escola para a excussão das atividades pedagogias nas mais diversas disciplinas, oficinas de turbantes, com artes; Desfile da beleza Negra no Irmão Damião, com Filosofia; Oficinas de máscaras negras e exposição da culinária afro-brasileira no município de Lagoa Seca, com História. De modo geral, abarcamos um amplo leque de discursões.

Nos estudos sobre a História e Cultura Afro-brasileira encaixamos a os saberes das comunidades rurais de Lagoa Seca, tradições e aspectos religiosos locais foram trazidos para o debate na escola. Quando elaboramos oficina de bonecas afro, primeiros os educandos fizeram uma pesquisa com as avós sobre as bonecas que elas brincavam na infância, também pesquisaram a origem dos termo “Calunga”, bastante utilizado em outro a e que tem muito das tradições afro-brasileiras.

Finalmente concluímos o ano letivo com uma grande confraternização em que todos estes trabalhos desenvolvidos durante o ano letivo forma trazidos e expostos para a comunidade escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Ao término deste trabalho esperamos ter deixado um contribuição para a escrita de saberes educacionais que se enquadrem nas inúmeras possibilidades que a Educação do Campo abre ao educador. Informamos aqui, que com pouco, é possível fazer muito, dentro da realidade da escola pública.

Os debates teóricos da Educação do Campo podem ser livremente utilizados em escolas, cuja realidade são semelhantes a do Irmão Damião, escolas que apesar de estarem inseridas no círculo urbano de pequenas cidade, são largamente formadas por jovens oriundos da zona rural. Lembramos de Silva (2009) quando explica as ligações entre os espaços rurais e urbanos da seguinte maneira.

Quando estamos falando de campo, referimo-nos a um universo socialmente integrado ao conjunto da sociedade brasileira e ao contexto atual conflituoso e contraditória do processo de globalização. As políticas brasileiras historicamente sempre se assentaram em uma visão



dicotômica: Rural e urbano. Para construir uma Educação do Campo e preciso superarmos esta dicotomia. (SILVA,2009, p.80).

Superar as divisões do rural x urbano e promover uma gradativa valorização do Homem e da mulher do campo são problemas que devem ser pensados para a escola na atualidade. Portanto, acreditamos que demos nossa contribuição para a melhoria da qualidade de vida de educação de nossos educandos.

REFERÊNCIAS.

ANTONIO, Clésio Acilino; LUCINI, Marizete. **Ensinar e aprender na educação do campo:** processos históricos e pedagógicos em relação. Cad. Cedes, Campinas, vol. 27, n. 72, p. 177-195, maio/ago. 2007.

Carvalho, Marize Souza; Et-al. **Educação do Campo:** diferenças mudando paradigmas. Brasília. 2007.

ESTEBAN, Maria Teresa. *Considerações sobre a política de avaliação da alfabetização:* pensando a partir do cotidiano escolar. IN__. **Revista brasileira de educação.** V.17. nº 51, Dez 2012. P.565-590.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal Educador social.** Atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: PDeA, 2006.

Harres, Marluza Marques. **Aproximações entre história devida e autobiografia: Os desafios da memória.** HISTÓRIA UNISINOS: Vol. 8, nº 10, JUL/DEZ, 2004 p. 143-156

MOREIRA, Emilia; TARGINO, Ivan. **Capítulos de Geografia Agrária da Paraíba.** João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1996.

RÊGO, Sheila Novais. **A educação patrimonial e o ensino de história.** Rio de Janeiro: 2010.

SILVA, Maria do Socorro. *Tentativa de construir uma teoria pedagógica sistêmica para impregnar o mundo de sentido: Saber, Querer, Sentir e Poder.* In__. **Práticas pedagógicas e formação de educadores do Campo.** Dupligráfica, 2009. P. 73-103.



COPRECIS
CONGRESSO NACIONAL DE
PRÁTICAS EDUCATIVAS

RESOLUÇÃO CNE/CEB 1, DE 3 DE ABRIL DE 2002. Conselho Nacional de Educação
Câmara de Educação Básica Disponível <
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4533.pdf>> Acesso 07 de Março de
2016.

DECRETO, Nº 7.352, DE 4 DE NOVEMBRO DE 2010. <
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7352.htm> Acesso 07
de Março de 2016.